

ROBERT GOOLRICK

UMA
mulher de
CONFIANÇA

Tradução de Cláudia Ramos

Primeira Parte

WISCONSIN. OUTONO. 1907.

Capítulo 1

O frio era glacial, o ar electrizante, pleno de tensão perante o que ainda estava para acontecer. O mundo, imóvel. Petrificado nas 4 em ponto. Nada se movia em lado algum, nem um corpo, nem um pássaro; numa fracção de segundo, tudo o que restou foi silêncio, nada mais do que quietude. Figuras estáticas sobre o solo gelado, homens, mulheres e crianças.

Se lá tivessem estado não teriam reparado. Não teriam reparado na vossa própria imobilidade, naquela exígua parcela de tempo. Mas se acaso lá estivessem, e tivessem, insondavelmente, filmado a imobilidade, obtido um negativo dela no momento em que a placa de gelo recebia a luz, um negativo para ser revelado mais tarde, teriam sabido, quando a ideia, a memória fosse finalmente revelada, que aquele foi o momento em que tudo começou. O relógio moveu-se por fim. A hora renasceu. Tudo voltou a mover-se. O comboio estava atrasado.

Ainda não nevava, mas estava para breve; um grande nevão podia pressentir-se pelo cheiro. A terra estava coberta de neve pisada. A terra, aqui, perdia-se de vista, estendendo-se pelo negro horizonte, sem deixar retido qualquer pormenor visual. Ervas espetadas no solo, aguçadas como lâminas. Corvos debicando em coisa nenhuma. Rio negro, de óleo gelado.

Não há nada que diga que o inferno tem de ter fogo, pensou Ralph Truitt, ali parado, sobriamente vestido, na plataforma da pequena estação, em pleno nenhures gelado. O inferno pode bem ser isto. Pode bem

escurecer assim, a cada minuto. Pode ser gelado o suficiente para nos descarnar a pele dos ossos.

De pé no meio da massa de gente, a sua solidão era tremenda. Sentia que em todo aquele vasto e gelado espaço aonde vivera até aquele momento – onde todas as mãos se lhe estendiam, todos os corações lhe exigiam algo – toda a gente tinha uma razão de ser e um local a que pertencia. Toda a gente menos ele. Para ele não havia nada. Em toda aquela imensidão gélida e cortante, não havia um único sítio onde pudesse descansar.

Ralph Truitt consultou o relógio de prata. Sim, o comboio atrasara-se. Os olhos em seu redor estavam silenciosamente fixos; eles sabiam. Ralph contava que hoje o comboio chegasse a horas. Chegaria no minuto certo, dissera-lhes. Exigira pontualidade do mesmo modo que outro homem qualquer exigiria o seu bife bem passado. E agora estava ali especado, feito um idiota, e com toda a gente a ver. E era mesmo um idiota. Falhara inclusivamente neste pequeno pormenor. Em breve se reduziria a nada, aquela sua última réstia de esperança.

Era um homem habituado a conseguir o que queria. Desde as suas assombrosas perdas – já lá iam vinte anos –, a mulher, os filhos, as mais elevadas esperanças, as mais lascivas fantasias, Ralph habituara-se a ver a obstinação pelas suas próprias expectativas como a única defesa possível contra os terrores que o assombavam. E resultava muito bem a maioria das vezes. Era persistente, implacável, e as gentes da sua cidade respeitavam isso. Temiam-no, mesmo. E agora o comboio estava atrasado.

À sua volta, na plataforma, as gentes da sua cidade caminhavam e olhavam e esperavam, tentando parecer despreocupadas, como se aquela espera tivesse outro propósito que não ver Ralph Truitt a aguardar um comboio atrasado. Trocavam piadas. Riam. Falavam baixinho, por respeito ao que sabiam ser o malogro de Ralph Truitt. O comboio estava atrasado. Eles adivinhavam a neve no ar. Sabiam que o nevão estava iminente. Assim como havia um dia, a cada Primavera, em que as mulheres da cidade, como que através de um sinal secreto, surgiam nos seus vestidinhos de Verão ainda antes de se fazerem sentir os primeiros laivos de calor, também havia um dia em que o Inverno exibia as suas garras, antes ainda da primeira dilaceração. Era este o dia – 17 de Outubro, 1907. Quatro horas da tarde e já a ficar escuro.

Todas elas, cada uma delas, mantinham um olho no tempo e outro em Ralph. Aguardavam, vendo-o esperar, trocando olhares de cada vez que ele consultava o relógio de prata. O comboio estava atrasado.

É bem feita, pensavam muitos, sobretudo os homens. Outros, sobretudo as mulheres, tinham pensamentos mais complacentes. Talvez, pensavam, ao fim destes anos todos...

Ralph sabia que as pessoas falavam dele, estava ciente daquilo que sentiam por ele, comezinhas que eram. E ouviu-lhes os comentários no momento em que passou por elas, cumprimentando-as a todas com um toque de chapéu, com o civismo que tanto se esforçou por mostrar desde sempre, dia após dia. Podia vê-lo nos seus olhos. Vira-o todos os dias da sua vida. A tagarelice deferente, o inevitável riso desdenhoso reprimido perante aquilo que sabiam ser o seu passado. Por vezes havia uma afabilidade sussurrada porque, ainda assim, havia algo em Ralph que conseguia despertar uma certa compaixão.

O truque, Ralph sabia-o bem, é nunca ceder. Nunca curvar os ombros para a frente ou bater com os pés no chão ou soprar ar quente para as mãos. O truque é relaxar perante o frio, aceitar que ele finalmente chegou e que está para durar. Expormo-nos a ele, como nos exporíamos de bom grado a uma brisa quente de Primavera. O truque é fazermos parte dele, para não chegarmos ao fim do dia esgotados, de ombros doridos e mãos vermelhas e gretadas.

Há coisas às quais conseguimos escapar, pensou ele. *Mas à maior parte delas não. E certamente não ao frio.* Não escapamos às coisas que nos acontecem, sobretudo às más. À perda do amor. À desilusão. À dolorosa chicotada da tragédia.

Daí que Ralph se tenha mantido inabalável, direito e de peito para fora, alheio ao frio, imune à maledicência, de olhos fixos nos carris a perder de vista. Sentia-se confiante, espantado por estar confiante, confiando parecer bem, não velho de mais ou estúpido de mais. Nem rancozoso de mais. Esperando que o turbilhão do seu estado de alma, que a sua irremediável solidão fosse – naquele breve momento anterior ao implacável nevão – invisível.

Sempre pretendeu ser um homem bom e, na verdade, não era um homem mau. Aprendeu sozinho a *nada desejar*, após o seu primeiro desejo e perda. Agora desejava algo e esse desejo deixava-o alarmado e enfurecido.

Nesse dia, no seu quarto, enquanto se vestia para vir para a estação, Ralph capturou num dos espelhos o reflexo do seu rosto. E aquilo que viu chocou-o. Chocou-o ver o que a dor e a resignação lhe haviam feito ao rosto. Tantos anos de ódio, de raiva, de pesar.

Em casa, antes de vir para aqui, tinha ocupado as mãos com o botão do colarinho e o nó da gravata; fazia esse tipo de coisas todas as manhãs, o compor e o ajustar, as tarefas rigorosas de um homem meticoloso. Mas até ter olhado o espelho e ter visto a sua própria desesperança, jamais imaginou, em nenhuma etapa daquelas ridículas tarefas, que o momento efectivamente chegaria e que ele não ia conseguir aguentar. Mas foi isso que lhe ocorreu, ao ver no espelho o seu rosto exausto. Não conseguia suportar esta dilaceração a ganhar vida novamente. Durante todos estes anos, ele tinha defrontado a morte, o hediondo pesar. E tinha seguido em frente, contra todo e qualquer instinto do seu coração. Continuou a levantar-se de manhã e a ir para a cidade e a comer e a gerir os negócios do pai e a enfrentar o peso que inevitavelmente teria de suportar por mais que tentasse evitá-lo: o peso das vidas destas pessoas. Tinha acreditado desde sempre que o seu rosto lhe enviava um sinal; um único sinal: está tudo bem. Está tudo óptimo. Não há problema nenhum.

Mas nessa amanhã, ao espelho, viu que isso era impossível, que fora ele o único a iludir-se desde sempre. E percebeu também que isso o preocupava, que afinal tudo tinha importância.

Estas pessoas deixavam os filhos adoecerem. Os maridos e as mulheres não se amavam. Ralph viu-se subitamente atormentado pelas imagens do acto sexual, as vidas sexuais destas pessoas, desejos escondidos muito para além das suas roupas. A luxúria das outras pessoas. Elas tocavam-se umas às outras. Os seus filhos morriam – por vezes todos de uma vez, famílias inteiras, num mês apenas, de difteria ou de tifo ou de gripe. Os maridos ou as mulheres enlouqueciam numa bela noite e pegavam fogo às suas casas, sem nenhuma razão aparente; ou disparavam contra os seus, matando os próprios filhos. Rasgavam as roupas em público e urinavam nas ruas e defecavam nas igrejas, retorcendo-se como cobras. Degolavam animais perfeitamente saudáveis, incendiavam os seus celeiros. Vinha nos jornais todas as semanas. Todos os dias havia uma nova tragédia, um novo e inexplicável acto desusado.

Ensojavam as suas roupas com nafta e chegavam-se imprudentemente perto do fogo, explodindo em mil pedaços. Bebiam veneno.

Davam veneno a beber uns aos outros. Tinham filhas das próprias filhas. Deitavam-se sãos e acordavam dementes. Fugiam. Enforcavam-se. Estas coisas aconteciam.

E ao longo de tudo isto, Ralph sempre pensou que o seu rosto e o seu corpo eram indecifráveis, que olhara sempre com simpatia e compaixão para aquelas pessoas, para as suas dores e bizarras perturbações. Foi-se deitar tentando não pensar no assunto, mas esta manhã acordou e viu tudo, o trabalho que tudo aquilo lhe deu.

Viu-se pálido. O cabelo sem vida. Mais magro do que alguma vez se lembrava de ter estado. Os cantos da boca e dos olhos descaídos, marcados por uma permanente expressão de dor e condescendência. A cabeça inclinada para trás pelo esforço constante de prestar atenção aos corpos que o rodeavam e que falavam demasiado alto. Tudo isto, consequência do terrível paralisar do seu coração, era visível. Toda a gente se apercebeu. Não conseguiu dissimular coisa nenhuma. Que idiota fora.

Alturas houve em que se apaixonava a cada esquina. Perseguiu coisas tão ínfimas, tão banais quanto uma graciosa fita num chapéu. Um passo airoso, o roçar da bainha de uma saia, uma mão enluvada enxotando uma mosca de um narizinho sardento teria sido suficiente; em tempos era tudo o que necessitava para lhe acelerar o coração. Acelerar de alegria. Acelerar de expectativa, bela e brutal. Sentia-se tão intensamente apaixonado que lhe doía o corpo. Mas agora tinha perdido o hábito do romance e ao ver o seu reflexo no espelho lembrou-se com uma pontinha de inveja do seu jovem e lascivo ego.

Lembrou-se da primeira vez que viu o braço nu de uma mulher. Lembrou-se da primeira vez que uma mulher soltou o cabelo só para ele, a profusa cascata de ondas castanhas, o cheiro a sabonete e a lavanda. Lembrou-se de cada uma das peças de mobília desse quarto. Lembrou-se do seu primeiro beijo. De como adorou tudo aquilo. Em tempos idos, não necessitou de mais nada para além disso. As fomes do seu corpo tinham outrora representado o total significado da sua vida.

Podemos viver com desesperança por muito tempo antes de ficarmos realmente desesperançados. Ralph tinha 54 anos e o desespero tomara conta dele como uma infecção, sem que sequer se tivesse apercebido disso. Não podia precisar o exacto momento em que a esperança lhe abandonara definitivamente o coração.

As pessoas da cidade cumprimentavam-no respeitosamente, passando rapidamente por ele: «Boa tarde, Mr. Truitt.» E não se continham: «O comboio está um tanto atrasado, não, Mr. Truitt?». Ele quis bater-lhes, mandá-las embora, pedir-lhes que o deixassem em paz. Porque, garantidamente, elas sabiam. Tinha havido telegramas, transferências bancárias, um bilhete de comboio. Elas sabiam de tudo.

Sabiam toda a história da sua vida, desde que era bebé. Muitas delas, a maioria delas, trabalharam para ele em diversas circunstâncias: na fundição, na exploração madeireira, nas minas, comprando isto e vendendo aquilo, gerindo a contabilidade das vendas ou das rendas. Ele pagou-lhes mal, ansiando enriquecer a cada hora. Os que não trabalhavam para ele estavam, regra geral, desempregados e inactivos, à excepção de ocasionais trabalhos duros e miseravelmente pagos que mantinham os ociosos e os pobres de espírito vivos em condições precárias.

Muitos, Ralph sabia-o, eram mandriões. Alguns eram cruéis com as mulheres e os filhos; elas, por sua vez, eram infiéis para os maridos demasiado sérios e enfadonhos. Os invernos eram excessivamente longos, excessivamente duros e ninguém esperava sobreviver-lhes.

Para alguns, vidas normais tornaram-se pesadelos. Morreram de fome nos terríveis e impiedosos invernos. Auto-excluíram-se da sociedade e foram viver sozinhos nos bosques, em cabanas a cair de podres. Foram encontrados semidespidos, babando-se e balbuciando, e compulsivamente internados no manicómio de Mendota, onde se viram enrolados em lençóis gelados e fustigados por choques eléctricos até poderem ser reintegrados na sanidade e na quietude. Estas coisas aconteceram.

Contudo, a cada dia havia mais gente a conseguir sobreviver; mais eram os que ficavam do que os que partiam. Os que ficavam, loucos e sãos, acabavam todos mais cedo ou mais tarde por ir bater à porta de Ralph Truitt. Ralph Truitt, também ele, sobreviveu ao frio e à sua própria solidão aterradora.

– Vem aí um nevão dos feios – disseram.

Quatro da tarde e já a ficar escuro.

– Boa tarde, Mr. Truitt. Está para breve um forte nevão, ao que parece. Bem dizia o almanaque.

Coisinhas de que eles se lembravam para passar o tempo, para fazer uma tentativa breve mas corajosa de estabelecer contacto humano com

ele. Cada conversa com ele entabulada tornava-se objecto de consideração, de calma ponderação antes sequer das palavras serem ditas; algo a ser recordado e partilhado assim que ele virasse costas.

«Vi o Mr. Truitt hoje», diziam eles às mulheres, já que poucos se atreviam a referir-se a ele de outra forma. «Foi muito simpático, perguntou por ti e pelas crianças. Lembrava-se do nome de todas.»

Eles odiavam-no e precisavam dele e desculpavam-no. As mulheres, perante comentários dos maridos como «que sacana forreta esse menino, que mesquinho e arrogante filho da mãe», respondiam qualquer coisa como «bom... sabes bem que ele teve problemas, coitado».

É claro que sabiam. Todos eles sabiam.

Dormia sozinho. Ficava deitado na escuridão e imaginava-os a todos, às gentes da sua cidade. Sonhava no escuro com as suas vidas.

Os maridos voltavam-se na cama e viam as mulheres e o desejo queimava-lhes as entranhas como uma explosão. Ralph imaginava-lhes as vidas, os desejos despertados por uma simples camisa de noite de musselina. Onze filhos, por vezes treze: nove mortos e quatro vivos ou seis vivos e sete perdidos.

Na mente de Ralph Truitt, em plena noite escura, os laços do nascimento e da morte formavam uma renda insana, tricotando-os a todos uns aos outros, numa exaltação de actos sexuais e do produto desses actos. De noite, pele tocando pele; de dia, o sufoco de pesadas e tortuosas roupas. Contudo, na mente de Ralph Truitt, os maridos corriam para debaixo dos lençóis quentes para serem de novo jovens e apaixonados, nem que por uns escassos quinze minutos, deitados, no escuro, junto a mulheres esqueléticas e macilentas que voltavam também elas, nesses escassos quinze minutos, a ser jovens belas e apaixonadas, de cabelo entrançado e riso fácil. Sexo era tudo em que ele pensava, sozinho, no escuro.

Na maioria das noites era suportável. Mas noutras, ele não conseguia. Numa dessas noites ficou sufocado entre o peso da luxúria que imaginou ter à sua volta, os desejos recompensados, a tácita bondade física que pode ocorrer no escuro mesmo entre pessoas que não suportam ver-se à luz do dia.

Em cada casa, pensou ele fascinado, *há uma vida diferente. Há sexo em cada cama*. Todos os dias percorreu as ruas, vendo em todos os rostos as esmolas simples que concederam uns aos outros no escuro. E todos os

dias disse a si mesmo que foi ele o único que nunca necessitou disso para sobreviver.

Esteve presente nos seus casamentos e nos seus funerais. Resolveu-lhes as disputas, suportou-lhes as diatribes. Contratou-os e despediu-os, sem nunca deixar de os ver caminhando às apalpadelas pela escuridão, procurando e encontrando conforto, para conseguirem prosseguir com as suas vidas assim que o sol nascesse.

Esta manhã, no espelho, ele viu o seu rosto, e era um rosto que ele não queria que se visse. A sua fome, a sua voraz solidão – não estavam extintas. E aquelas pessoas à sua volta não eram cegas. Devem ter-se sentido, ao longo de todos estes anos, tão horrorizadas quanto ele se sentiu esta manhã.

No seu bolso estava a carta e na carta a fotografia de uma mulher que ele não conhecia – que encomendara de Chicago como a um par de botas – e nessa fotografia estava também todo o seu futuro; e nada mais importava. Até mesmo a vergonha que sentia, enquanto esperava no meio de uma massa de gente por um comboio atrasado, era secundária e irrelevante. Porque ele empenhara alma e coração numa rota, sem saber exactamente aonde essa rota o levaria. E também porque não podia, sob todos aqueles olhares penetrantes, afastar o olhar ou desviar as intenções daquilo que o seu coração havia decidido, muito antes de ele se aperceber do que significava.

O comboio chegaria, atrasado ou não, e tudo o que acontecera antes da chegada dela seria *anterior* e tudo o que viria depois seria *posterior*. Já não havia como evitá-lo. O seu passado seria apenas um conjunto de determinados acontecimentos que o tinham conduzido a este desalentado acto de esperança.

Era um homem de 54 anos cujo próprio rosto o chocava e, dentro de escassos minutos, até mesmo esse quadro seria apagado. Permitiu-se ter essa esperança.

Todos desejamos as coisas mais simples, pensou. Independentemente do que possamos ter, ou das crianças que nos morram, todos desejamos a simplicidade do amor. Não era pedir muito ser como todos os outros; que também ele pudesse ter algo que desejar.

Durante vinte anos, ninguém lhe deu as boas noites enquanto apagava a luz e se preparava para dormir. Ninguém lhe deu os bons dias ao

abrir os olhos. Durante vinte anos, nunca foi beijado por alguém cujo nome conhecesse e todavia, nem mesmo agora, quando a neve começava a cair levemente, ele se recordava dessa sensação, o suave oferecer de lábios, a doce ânsia de um beijo.

As gentes da sua cidade observavam-no. Não que isso agora tivesse qualquer importância. Nós estávamos lá, diriam aos seus filhos e vizinhos. Estávamos lá. Vimo-la sair do comboio pela primeira vez e ela só saiu do comboio por três vezes. Estávamos lá. Vimo-lo no preciso segundo em que ele poisou os olhos nela.

Ralph tinha a carta na mão. Conhecia-a de cor.

Estimado Mr. Truitt

Sou uma mulher simples e honesta. Já vi muito deste mundo das viagens que fiz com meu pai. No meu trabalho missionário vi o mundo tal como ele é e não sou mulher de ilusões. Conheci pobres, conheci ricos e não creio que exista uma diferença significativa entre ambos, já que os ricos são tão famintos quanto os pobres. Famintos por Deus.

Vi doenças mortíferas inimagináveis. Vi o que o mundo fez ao mundo e já não suporto continuar a viver nele. Agora sei que nada posso fazer por ele e vejo que Deus também se encontra de mãos atadas.

Não sou nenhuma menina de escola. Passei toda a minha vida a ser filha e há muito que tinha desistido da esperança de vir a ser esposa. Sei que não é amor aquilo que oferece, nem tão-pouco é isso que procuro, mas sim um lar. E disponho-me a aceitar o que me oferece porque é apenas e só o que desejo. Ao dizer isto, não significa que o considere coisa pouca. Na verdade, não vejo como aspirar a desejar maior benevolência e generosidade. Para mim é tudo quando comparado com o mundo que conheço e, se me aceitar, de bom grado meter-me-ei a caminho.

À carta juntara uma fotografia sua e ele conseguia sentir-lhe as asperezas com o polegar, enquanto cumprimentava mais um transeunte com um gesto de chapéu, vendo-o pelo canto do olho a avaliar-lhe a

riqueza e sobriedade do seu fato preto, das botas imponentes, do soberbo sobretudo com gola de pêlo. Com o polegar acariciou-lhe o rosto. Conseguia distinguir-lhe as feições, banais, nem bonitas nem feias. Os olhos, grandes e cristalinos, fixavam sem hesitações o lampejo do fotógrafo. Usava um vestido simples, com uma gola simples; uma mulher simples a necessitar tão desesperadamente de um marido ao ponto de aceitar casar com um estranho, vinte anos mais velho.

Ralph não lhe enviou qualquer fotografia de volta, nem ela sequer lhe pediu alguma. Em vez disso, ele mandou-lhe um bilhete, endereçado à casa de hóspedes na qual ela se instalara, na imunda e estrepitosa Chicago. E agora ali estava ele, um homem rico de uma pequena cidade do interior de Wisconsin, num clima glacial do início de um implacável Inverno, no ano de 1907. Ralph Truitt esperava o comboio que traria Catherine Land para junto de si.

Ralph Truitt esperara durante muito tempo. Bem podia esperar mais um pouco.